

3

Vila Canoa e o Turismo de Favela

Este trabalho de pesquisa se refere a dois objetos principais: o Turismo de Favela e a comunidade de Vila Canoa. Do ponto de vista empírico, selecionamos a comunidade de Vila Canoa, não apenas por haver nela convivido, através de um projeto de desenvolvimento local, mas também, e principalmente, porque nela o Turismo de Favela vem sendo discutido pelos seus membros como um tema da agenda de desenvolvimento socioeconômico da comunidade. É importante notar que o projeto desenvolvido pelo NIMA/PUC-Rio criou as condições para que esta discussão se abrisse naquela comunidade, de maneira pioneira na cidade do Rio de Janeiro.

3.1

Turismo de Favela em Vila Canoa

O tema Turismo de Favela em Vila Canoa, já mobilizava tanto a comunidade que, em março de 2005, quando se instalaram as oficinas do projeto do NIMA, este se apresentou imediatamente como o principal tema de preocupação da comunidade. Passado um ano do início do projeto, o tema foi assunto da página central do único jornal da comunidade, **Fala Canoa** (Ano I, No. 7, 2-3), desencadeando uma série de reações contundentes por parte da agência Favela Tour e da Ong local, parceiras na exploração do Turismo de Favela naquela comunidade.

As dificuldades geradas pela Favela Tour para o desenvolvimento de nossa pesquisa em Vila Canoa, somadas ao fato de que ela monopoliza a exploração do Turismo na comunidade, nos levaram a realizar observações e entrevistas também na favela da Rocinha, cujas características turísticas são comparáveis as de Vila Canoa, porém cuja extensão é bastante mais significativa e representativa desta forma de Turismo na cidade do Rio de Janeiro.

É importante notar que este tema é ainda pouco tratado pelas próprias comunidades e que a chegada dos pesquisadores das universidades, que começa a acontecer, rapidamente vem despertando nas lideranças comunitárias a consciência do potencial socioeconômico desta forma de Turismo, mobilizando

o seu interesse. Exemplo disso é a matéria publicada no jornal O Globo (2006a, 18), na qual se noticia a decisão do presidente da Associação Pró-Melhoramentos da Rocinha de criar uma agência local para organizar a atividade turística naquela comunidade, um mês após nossa primeira conversa com o mesmo líder comunitário sobre Turismo de Favela.

Por outro lado, do ponto de vista teórico, nos interessa descrever os mecanismos de funcionamento do Turismo de Favela, um assunto que permanece não estudado pela academia.

3.2

História local e relações sociais

A comunidade de Vila Canoa, pode-se dizer que se trata de um exemplo de “favela”, localizada na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, nas proximidades do bairro de São Conrado e das comunidades da Rocinha e do Vidigal. Com aproximadamente 3.000 moradores, segundo o Instituto Gênesis⁷, esta comunidade é basicamente formada por imigrantes nordestinos oriundos, majoritariamente, do Estado do Ceará⁸. Uma das características relevantes desta comunidade é que ela tem muita dificuldade em se ver como uma “favela” por duas razões. A primeira tem a ver com o fato de que Vila Canoa é relativamente tranqüila, pois nela não estão instaladas as estruturas do narcotráfico que dominam a maior parte das “favelas” do Rio de Janeiro. A segunda se refere ao fato de que uma parte de vila, conhecida como “muralha”, jamais foi área de ocupação ilegal, havendo sido construída pelo Clube Gávea Golf, em terrenos próprios, para a moradia de alguns dos seus funcionários. Esta diferenciação interna - entre uma área de ocupação legal e outra de ocupação nos moldes de “favela” - se reflete nas relações sociais estabelecidas entre os moradores da vila, criando hierarquias e disputas de poder, que serão discutidas mais adiante.

Vila Canoa, de acordo com os moradores mais antigos, surgiu na década de 1920, como uma pequena ocupação, com casebres de madeira, destinada ao uso de alguns funcionários do Clube Gávea Golf que, posteriormente, ali foram morar com suas famílias. Essa primeira área de ocupação localizava-se na parte superior do campo do clube, cujo único acesso se dava através das dependências de serviço do mesmo. As relações destes funcionários e suas famílias com os administradores do clube eram, então, percebidas como positivas. Uma

⁷ www.genesis.puc-rio.br.

⁸Todas as informações que se seguem sobre a história de Vila Canoa foram coletadas pela equipe do projeto “A construção de uma cidadania ambiental em Vila Canoa a partir da identidade cultural local”, realizado pelo NIMA/PUC-Rio, entre março e agosto de 2005, e estão sistematizadas em dois relatórios organizados pela sua coordenadora, Denise Pini Rosalem da Fonseca.

evidência disso é que, na época, era permitida aos moradores a utilização dos campos de golfe nas segundas-feiras, dia em que o clube estava fechado para os sócios. No entanto, existia um limite para a mobilidade destes moradores dentro deste espaço, sendo restringidas algumas áreas do clube ao acesso dos mesmos. A relação, percebida como positiva, entre estes primeiros moradores de Vila Canoa e o clube, se submetia às relações trabalhistas contratadas entre as duas partes e à aceitação tácita dos funcionários, de todas as formas de “privilégios” e limitações impostas, unilateralmente, pela administração do clube.

É nesse momento -de delimitação de “territórios” e de negociação de poder- que começa a se configurar um certo “conformismo” dos primeiros moradores diante das determinações do Clube Gávea Golf. Por outro lado, a relação que se estabelece entre estes primeiros moradores e o clube, senta as bases para a construção de uma “identidade legitimadora” (Castells, 1999, 24) -a dos funcionários do clube e seus familiares diretos- que mais tarde atuarão como os “estabelecidos” (Elias e Scotson, 2000, 7) da comunidade.

Ao final da década de 1940 (Fonseca, 2005.2, 18), quando os filhos dos primeiros moradores começaram a constituir suas próprias famílias e, com isso, aumentar substantivamente o número de moradores circulando no seu interior, o Clube Gávea Golf tomou a iniciativa de demolir aqueles primeiros barracos. Como compensação, o próprio clube cedeu uma área da sua propriedade, hoje conhecida como Pedra Bonita ou, pejorativamente, “muralha”, onde construiu casas de alvenaria para as famílias deslocadas. Com isso, ao buscar solução para os problemas gerados pela circulação daquelas pessoas no interior das suas dependências, o próprio clube estabeleceu uma segunda, e definitiva, localização para a atual Vila Canoa e propiciou o aparecimento de acessos a áreas desocupadas, pertencentes ao poder público. Mais tarde, uma destas trilhas passou a ser chamada de Caminho das Canoas, por ser utilizado pelos pescadores da praia de São Conrado para transportar suas embarcações para um local seguro, próximo a Capela de São Conrado. Posteriormente este caminho recebeu o nome de Estrada das Canoas (Fonseca, 2005.2, 19).

A terceira e última área de ocupação de Vila Canoa surgiu e cresceu sem qualquer forma de consentimento institucional ou legitimidade. Isso aconteceu em torno do final da década de 1960, com a ampliação das redes familiares dos primeiros funcionários do clube e outras formas de novos moradores. Este novo contingente humano, dado às características da sua instalação na região, levou a constituição de relações sociais antes desconhecidas no interior da comunidade. Por ocuparem uma área de propriedade pública e, inicialmente, terem suas casas construídas de forma precária e de madeira, estes passaram a serem vistos pelos “estabelecidos” como “favelados” e a serem tratados

como “*outsiders*” (Elias e Scotson, 2000, 7). As lutas pela sua permanência na região, durante as décadas de 1970 e 1980, sob a ameaça de remoção, levaram os moradores desta nova área de ocupação -a partir daí conhecida como Favela das Canoas- a construir uma “identidade de resistência” (Castells, 1999, 24), com a fundação da Associação de Moradores de Vila Canoa. Neste contexto, a clivagem entre “estabelecidos” e “*outsiders*” se explicitou de forma simbólica no uso das denominações “muralha” e “favelinha” para se referir as duas porções do território da comunidade: Pedra Bonita e Vila Canoa, respectivamente (Fonseca, 2005.2, 19).

Possivelmente, a Favela das Canoas teve um crescimento significativo, assim como a Rocinha e o Vidigal durante as décadas de 1970 e 1980, pois os bairros de Leblon, Ipanema, Gávea e São Conrado expandiram-se gerando, com isso, a vinda de trabalhadores nordestinos para trabalhar na construção civil. De acordo com alguns moradores, os motivos que os levaram a trocar a Rocinha e o Vidigal por Vila Canoa foram de ordem familiar como, novos matrimônios e a presença de familiares que já estavam morando no local. Com esse crescimento populacional e com os relatos de alguns moradores do local que, chegaram durante essas décadas, o Clube Gávea Golf, para limitar o crescimento da vila, lutou com o apoio dos proprietários dos terrenos do outro lado da Estrada das Canoas. Nestas áreas, que antes pertenciam à família Niemeyer, já haviam sido realizadas algumas construções de luxo e, com isso, limitava-se a expansão de Vila Canoa (Fonseca, 2005.2, 19).

Referente às principais atividades da comunidade, os moradores mantinham vínculos com os funcionários do Clube Gávea Golf, o que auxiliou muitos deles a trabalhar junto às famílias dos seus diretores, amigos e moradores ricos da região. Fortalecendo, com isso, as relações sociais existentes na comunidade. Os hotéis de São Conrado também passaram a ser uma fonte de emprego para os moradores.

A comunidade de Vila Canoa viveu sob o estigma de “favelada”, com a preocupação de verem as suas casas demolidas entre os finais das décadas de 1950 e 1970, o que fez com que os moradores se unissem e criassem a Associação de Moradores de Vila Canoa com o apoio da Pastoral de Favelas. Foi neste período que foram construídas, através de mutirões, as casas de alvenaria, o que impediu que as casas fossem queimadas devido aos programas oficiais de “remoção de favelas”. Neste contexto foi que surgindo as lideranças, basicamente masculinas, que ocuparam o espaço da Associação dos Moradores.

No início da década de 1980, foi implementado em Vila Canoa o Programa Favela Bairro, aliviando as tensões sobre a questão habitacional, o que teve como consequência, uma nova auto-percepção da comunidade, adotando

agora, o nome Vila Canoa (Fonseca, 2005.2, 20). No imaginário local, no contexto de implementação deste programa a comunidade deixou de ser uma “favela”, e se transformou em um “bairro” da cidade do Rio de Janeiro. A partir deste novo contexto apareceram novas formas de liderança na comunidade, particularmente femininas, que na década seguinte construíram outras associações e particularmente a Associação das Mulheres de Vila Canoa. É importante ressaltar que estas formas associativas em alguns momentos se constituem em nichos de disputas de poder e lócus de clivagens sócio-políticas internas da comunidade.

3.3

O Projeto Vila Canoa

Como já foi dito, a proposta de trabalhar com o tema Turismo de Favela surgiu a partir da nossa inserção no projeto de desenvolvimento local realizado pelo NIMA -Núcleo Interdisciplinar de Meio Ambiente- da PUC-Rio. Intitulado “A construção de uma cidadania ambiental em Vila Canoas a partir da identidade cultural local”, o Projeto Vila Canoa, como ficou conhecido, teve seu início em março de 2005, com a perspectiva de duração de seis meses. De acordo com o documento de proposta do projeto, seu objetivo central era:

... realizar, juntamente com os membros da comunidade, um levantamento socioambiental do bairro, com o objetivo de conhecer a sua história, formação social e patrimônios ecológico e cultural. A correta compreensão deste patrimônio permitirá a reconstrução da identidade cultural local, tomada como base para o desenvolvimento local sustentável (Proposta NIMA, 2005, 3).

Para cumprir seus objetivos o Projeto Vila Canoa utilizou basicamente o recurso de oficinas, nas quais além dos fóruns desenvolvidos com a comunidade, se ministravam cursos breves sobre temáticas relativas ao projeto. Os conteúdos abordados nestas oficinas eram:

- A construção da identidade cultural local: seus percursos e possibilidades;
- Conteúdos principais do patrimônio cultural local: suas formas e significados;
- História da ocupação do bairro de Vila Canoa: uma reconstrução;
- Memória da comunidade e seus símbolos mais relevantes;
- Preservação dos valores sociais, ambientais, artísticos e culturais do local: novas agendas;

- Agenda ambiental de Vila Canoas (lixo, saúde coletiva, água, etc.) (Proposta NIMA, 2005, 4).

O projeto se organizou entorno de quatro oficinas propostas pelos membros da própria comunidade:

- História e Memória;
- Turismo;
- Mídia e Comunicação, e
- Meio Ambiente.

No que se refere às atividades da Oficina de Turismo, os temas de questionamento que apareceram foram:

- Que espécie de Turismo é este que permite que a vida cotidiana dos moradores seja invadida pelas lentes das câmeras fotográficas dos turistas sem que os primeiros sejam sequer consultados?
- Que contribuição pode trazer um Turismo que enfatiza a presença do lixo nas ruas; a aparência das casas construídas de forma precária; os canos de esgotos expostos ao lado dos becos e das ruas, e as crianças descalças, mal vestidas e aparentemente descuidadas que vivem nas favelas?
- Que Turismo é esse no qual, como diz o Sr. Raimundo, morador de Vila Canoa e participante da Oficina de Turismo: “o turista gosta de tirar foto do que é feio”, “por que o feio se tem coisa melhor para ser mostrada?”

Questões como estas estiveram sempre presentes nas considerações da Oficina, posto que o objetivo da mesma era o de tentar repensar este Turismo, que gera renda para os proprietários da agência de Turismo e oportunidades de emprego para os seus funcionários que, dificilmente são moradores das comunidades visitadas. Além disso, se não materialmente, pelo menos simbolicamente, esta forma de Turismo empobrece ainda mais a comunidade.

O Projeto Vila Canoa se desenvolveu em três etapas. A primeira, coordenada pelo ITCP/UFRJ, teve como objetivo realizar um censo laboral da comunidade de Vila Canoa. A segunda etapa foi coordenada pelo NIMA/PUC-Rio, tendo como um dos principais objetivos oferecer conhecimentos para o desenvolvimento da comunidade a partir da sua identidade local. A última etapa, coordenada pela Incubadora Social do Instituto Gênesis da PUC-Rio, teve como objetivo incubar os possíveis empreendimentos identificados pelo

NIMA. Na primeira reunião⁹ do NIMA com os moradores da comunidade, foram identificados três temas que provocavam tensão nos membros da comunidade de Vila Canoa. Eram eles: Turismo de Favela, sendo o mais citado, visto como uma invasão degradante para a comunidade; a água, tema preocupante, pois o controle dela pertencia aos moradores com maior poder aquisitivo da região e, por último, o tema da identidade, onde fica clara a dicotomia de identidade criada pelos próprios moradores. O projeto previa que o interesse do público jovem, identificado pelo ITCP/UFRJ, pudesse ser despertado por novas formas de desenvolvimento local apresentada pelo NIMA. Ao contrário do que se esperava, o projeto teve como fiéis participantes o público adulto, mais habituado ao clientelismo presente na comunidade.

A partir da identificação destes temas, foram organizadas as quatro oficinas temáticas que descrevemos anteriormente. As questões em estudo foram: Turismo de Favela, que teve como principal objetivo fazer com que os moradores questionassem os acontecimentos gerados por esta atividade; história e memória, com objetivo de resgatar a história local como estrutura para a construção da identidade cultural local; mídia e comunicação, com o objetivo de melhorar a comunicação entre os moradores e a criação de veículos de comunicação criados pelos próprios moradores e, por último, a oficina de meio ambiente, com o objetivo de levar o morador a conhecer a Mata Atlântica no entorno da comunidade, mapear os mananciais de água doce e verificar o potencial do reservatório para o abastecimento do local.

De cunho interdisciplinar, a etapa realizada pelo NIMA teve uma equipe formada por dez pessoas, sendo cinco delas membros do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio e, o restante, moradores, alunos e ex-alunos da PUC-Rio de diversos cursos.

3.3.1

Oficina de História e Memória

Os principais objetivos desta oficina eram:

...sensibilizar a comunidade para a necessidade de repensar a sua relação com o seu habitat e completar o levantamento documental da história de São Conrado e da ocupação da área da Vila Canoa, como base para a construção da identidade cultural

⁹As reuniões do projeto aconteciam no Projeto Construção, local onde são realizadas as aulas do pré-vestibular comunitário e tem como professores voluntários alunos da PUC-Rio. Muitos alunos do Projeto Construção, atualmente, são alunos da PUC-Rio e, os mesmos, contribuem para que os outros consigam ter acesso à educação superior. Esse foi um dos principais motivos para que as reuniões acontecessem neste local, além do fato de ser este um local aberto à comunidade.

local e reconstrução da percepção da comunidade sobre a sua presença e representação no espaço da cidade (Fonseca, 2005.2, 5).

Para alcançar tais objetivos, a coordenação da oficina propiciou debates sobre identidade, histórias da comunidade contadas pelos moradores mais antigos, apresentação de filmes relacionados aos temas, identidade, memória e história, além de entrevistas feitas com os moradores e o levantamento documental da história de Vila Canoa e São Conrado feito com o auxílio de alguns moradores da comunidade.

Os conflitos gerados nesta oficina, pelos temas debatidos, foram muitos, fazendo com que muitos se afastassem das reuniões. O maior conflito era perceber Vila Canoa como uma “favela”, pois, para os moradores, só se considera uma comunidade como “favela” quando na mesma o narcotráfico e prostituição estão presentes. Para muitos moradores, Vila Canoa é uma “comunidade pobre com casas construídas uma acima da outra”.

Ao final da oficina, os cinco participantes evidenciaram um forte interesse em melhorar o local através de iniciativas sócio-econômicas, políticas e ambientais. Com isso, estariam analisando a situação local e, podendo, também, superando o conformismo que se reconhecia como socialmente impregnado na comunidade.

3.3.2

Oficina de Mídia e Comunicação

A preocupação desta oficina era de propiciar uma melhor comunicação entre os moradores de Vila Canoa. Essa preocupação fez com os participantes da oficina tomassem a iniciativa de criar um veículo de comunicação. O objetivo foi alcançado resultando no jornal comunitário **Fala Canoa!** que, teve sua primeira edição em julho de 2005, um mês após a realização da X FEVUC/PUC-Rio, apresentando a comunidade como ela se percebe. Após o término do projeto, o jornal **Fala Canoa!** continuou sendo realizado pelos membros da comunidade que foram participantes da Oficina de Mídia e Comunicação. Este jornal local existe até o momento e se mantém através dos recursos provenientes da publicação de anúncios classificados, utilizados pelo público local em geral. Um dos participantes desta oficina prestou vestibular para o curso de Comunicação Social da PUC-Rio e atualmente é estudante daquela Faculdade.

Durante as reuniões da Oficina de Mídia e Comunicação, os temas discutidos foram cruciais para a capacitação dos membros da comunidade na criação e manutenção do jornal comunitário, tais como: criação de anúncios,

elaboração de textos, fotografias, além da realização de uma visita técnica à Rádio Cidade FM.

A partir da primeira edição do jornal **Fala Canoa!**, muitos interessados se uniram ao grupo da oficina com a intenção de colaborar com a comunidade, levando mais informação para os moradores. Com isso, muitas matérias despertaram interesse entre os moradores e simpatizantes da comunidade, como por exemplo, a matéria sobre Turismo de Favela que, causou um questionamento dos moradores de Vila Canoa sobre as práticas desta atividade. A matéria despertou tanta polêmica que os comentários sobre o jornal duraram aproximadamente quinze dias.

Atualmente, o jornal **Fala Canoa!**, está sendo incubado pela Incubadora Social do Instituto Gênesis da PUC-Rio.

3.3.3

Oficina de Meio Ambiente

A Oficina de Meio Ambiente teve como grande preocupação a água que abastece a comunidade, porém cujo controle não pertence à mesma. Ao contrário das demais oficinas do projeto, a Oficina de Meio Ambiente não conseguiu dar andamento aos seus objetivos pois, após a segunda reunião da mesma, o público não compareceu, tornando assim, a impossibilidade de realização da mesma. Aparentemente, os interesses que se relacionavam ao tema da água estão fortemente politizados no interior da comunidade e nas suas relações com vizinhos poderosos, gerando tensão e apreensão entre os moradores.

3.3.4

Oficina de Turismo

O principal objetivo desta oficina era o de questionar às práticas do Turismo de Favela explorado no local e buscar outras opções para este Turismo, que envolvessem a comunidade de forma pro-ativa. Entretanto, muitos outros temas passaram a fazer parte das preocupações daquela oficina, como a discussão para a criação de uma cooperativa de artistas e artesãos na comunidade.

Na primeira fase do projeto, a Oficina de Turismo contava com um número pequeno de participantes. Esse número aumentou significativamente após a participação na FEVUC, com a adesão das artesãs pertencentes à Associação das Mulheres de Vila Canoa e dos artistas e artesãos do local. Estes indivíduos se integraram à oficina ao perceberem que, através desta, se apresentavam oportunidades para aumentar a renda familiar. Na primeira

fase discutiu-se o que a comunidade desejava para o Turismo em Vila Canoa. A partir desta primeira avaliação a oficina se encarregou de pesquisar as agências de viagens que exploravam o Turismo na comunidade e de conhecer os estabelecimentos comerciais locais em capacidade de prestar algum serviço ao Turismo local, além de identificar as pessoas que poderiam se envolver com o mesmo. Foram discutidos temas como a criação de roteiros turísticos, visando à visita da Mata Atlântica na região e a organização de passeios até a rampa de vôo livre, um dos pontos que estavam no roteiro imaginado. Também foram realizados contatos com os artistas e artesãos da comunidade, pois o artesanato acabou por se impor como o principal ponto de discussão, após a mobilização dos moradores para participarem na FEVUC.

A Oficina de Turismo foi palco de muitas disputas e controvérsias. O Turismo de Favela incomodava principalmente pelo fato de não empregar qualquer morador da comunidade ou gerar renda para o comércio ou prestadores de serviço do local. Para os participantes da oficina, o Turismo explorado na comunidade pela agência Favela Tour era percebido como invasivo e como uma imposição. Este era visto como um Turismo que “entra nas casas”, que simplesmente “visita e vai embora” sem deixar nada, que se interessa apenas pelo negativo, como observado por um dos participantes “eles gostam de tirar foto do feio” (Participante da Oficina de Turismo, Projeto Vila Canoa, abril de 2005).

Em uma das discussões, uma das moradoras sugeriu que se convidasse o proprietário da agência Favela Tour a participar de uma das reuniões para que ele tivesse uma oportunidade de explicar o Turismo realizado em Vila Canoa, posto que em todas as reuniões da oficina a empresa era citada com mágoa e ressentimento. O convite foi aceito pelo proprietário da agência e durante aquela reunião os participantes da oficina expressaram seus sentimentos, bem como se conheceu a perspectiva da agência e suas relações com a Ong.

Na segunda fase do projeto, as discussões se centraram sobre a cooperativa de artesanato a ser criada, uma idéia que partiu dos participantes da Oficina de Turismo no contexto das discussões anteriores. A idéia era criar um grupo que se responsabilizaria pelo desenvolvimento do Turismo local e da cooperativa. A presença da presidente da Associação das Mulheres de Vila Canoa, que mantinha uma posição de poder e que atuou de forma agressiva em defesa do mesmo, fez com que muitos se afastassem da idéia da cooperativa, inviabilizando a mesma. É importante ressaltar que esta Associação mantém uma relação com a Ong, que garante às suas associadas o privilégio das vendas dos seus produtos no interior das dependências da Ong, primeiro local a ser visitado pelos turistas no passeio a Vila Canoa.

Para além desta dificuldade, é importante comentar sobre a própria qualidade e conteúdos da produção artesanal local. A ideia de criação de uma cooperativa de artesãos nos levou a realizar entrevistas com os artistas e artesãos de Vila Canoa com o objetivo de conhecer melhor seus produtos. O que ficou constatado é que aqueles artefatos são concebidos e realizados com técnicas e desenhos que pouco tem de inovador ou que se relacione com a própria comunidade. Desta maneira, esta produção não contribui para a afirmação de uma identidade cultural local, uma das principais buscas do projeto.